

# **DESAFIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR**

As Esferas Sociais e os Novos Paradigmas da Educação Popular

---

Frei Betto

## **ÍNDICE**

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	03
<b>I - ABERTURA</b> .....	04
<b>II - AS ESFERAS SOCIAIS</b> .....	05
1) Desafios das esferas sociais.....	07
2) A interação entre as Esferas Sociais.....	08
a) A Autonomia .....	08
b) Evitar a Absorção.....	09
<b>III - NOVO DESAFIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR</b> .....	10
1) A Deshistorização do Tempo .....	10
2) A TV e a Deshistorização.....	13
3) Novos Paradigmas da Educação Popular.....	14
4) A Educação Popular deve trabalhar com Novos Paradigmas .....	16
a) Dimensão holística da realidade .....	16
b) Dimensão ecológica.....	17
c) Outros acenos... ..	18
d) A relação do micro com o macro .....	19
<b>IV - PERGUNTAS À EDUCAÇÃO POPULAR</b> .....	20
1) Educação Popular e Educação Formal .....	20
2) Educação Popular e Excluídos .....	24
3) Educação Popular e Eleições .....	25
4) Educação Popular e Orçamento Participativo .....	27
5) Movimento Popular e Movimento Social .....	28
6) Educação Popular e Administração Popular .....	30
7) Educação Popular e Trabalho de Base.....	31
8) Educação Popular e Afetividade .....	32
9) Educação Popular e a Crítica.....	34

## **APRESENTAÇÃO**

Gostaríamos de iniciar a apresentação deste texto, recuperando uma fala do Frei Betto: “A Educação Popular é a ginástica do espírito pedagógico. Parou de fazer engorda, parou de fazer fica acomodado”.

Para a Equipe do CEPIS, retomar as publicações sobre Educação Popular é um esforço para manter o espírito político pedagógico de milhares de educadores e educadoras, anônimos, ou não, animados e comprometidos com os processos de luta do nosso povo.

Frei Betto recupera a importância para a Educação Popular da existência das Esferas Sociais, por onde o movimento popular se articula. Ele situa o papel estratégico que estas Esferas ocupam num processo de transformação social. Os educadores e educadoras populares são desafiados a: reconhecer, pesquisar, aprofundar, entender as interações e as potencialidades das mesmas.

Outro elemento que o texto recupera é o da historicidade – “tempo é história”, algo tão caro a todos os que se envolvem na luta popular. Ao propor novos paradigmas para a Educação Popular trabalhar, ele nos instiga a romper com concepções, verdades e práticas já cristalizadas. Se o “novo” já se faz agora não adianta apenas esperar que o “velho” desabe, ao falar sobre isto ele nos provoca a dar passos, a tomar iniciativas, que tal como num processo contagioso, vá contaminando toda a célula social. De modo que as contradições sejam explicitadas e combatidas, possibilitando-nos uma mudança profunda em nosso país.

Equipe do CEPIS

## **I - ABERTURA**

Quero manifestar a minha alegria de estar aqui, hoje, nos vinte anos do CEPIS. É raro alguma coisa completar vinte anos: precisa ter muita sustentação, muito amparo, para não cair na institucionalidade. Essa lembrança me causa enorme emoção porque começar o CEPIS, em 1978, foi um desafio difícil. Fica, mais uma vez, provado que primeiro devemos acreditar nas idéias, depois buscar os meios. Se fôssemos pensar em ter os meios e depois realizar as idéias, o CEPIS não teria acontecido.

Havia uma série de barreiras e dificuldades, em 1978, quando iniciamos esse processo. Éramos um grupo que saía da prisão e ainda vivíamos sob a ditadura. Graças à Madre Cristina Sodré, cuja transvivência comemoramos um ano hoje, foi possível o espaço para criar o CEPIS. Na época, eu morava em Vitória e o que me trouxe, de volta a São Paulo, foi o CEPIS.

## II - AS ESFERAS SOCIAIS

Na educação popular, sempre trabalhamos com o esquema das esferas sociais. Fizemos isto para visualizar o papel da Educação Popular na formação da sociedade civil. Mas também para ter a visão do que seria o estratégico, num processo de transformação social. Dizíamos que a organização do povo, dos oprimidos, divide-se em cinco esferas de organização social. A ordem adotada foi a ordem histórica, a ordem de organização das esferas, de 1964 para cá.

Podemos dizer que quem não está numa dessas cinco esferas não está na luta. Elas são as esferas de articulação do movimento social brasileiro. Não há como articulá-lo fora dessas cinco esferas.

**1. A primeira esfera social** – Historicamente a primeira esfera foi a **esfera pastoral**. Foram as Comunidades de Base que, primeiro, se reorganizaram no mundo popular brasileiro, no pós-64.

Havia grupos de esquerda, uns na luta armada, outros não. Mas todos, na nossa avaliação, com perfil elitista. Mesmo que tivessem a presença de camponeses e operários, a concepção e desempenho revelava um perfil elitista. Durante a luta armada tinha-se coragem, armas, dinheiro, ideologia, concepção estratégica, só faltava um detalhe: apoio popular.

Só que esse detalhe era fundamental. Não se tinha enraizamento no popular. Tanto que, para se esconder, dependia-se de aluguel de apartamentos. Não se tinha povo, para ir para a casa do povo. Hoje, alguém que tem atuação na esfera popular daria mais trabalho para ser encontrado. Naquela época, quase não se tinha esse tipo de inserção.

Quando saímos da cadeia, em meados dos anos 70, encontramos uma série de movimentos populares espalhados pelo Brasil afora. A pergunta foi: Como é possível esses movimentos, se a esquerda não estava lá para fazer isso? Foi aí que entendemos o trabalho da pastoral popular. A partir daquele ver, julgar e agir - o fato da vida e o fato da Bíblia - a pastoral suscitava na reflexão das pessoas que freqüentavam a Comunidade Eclesial de Base, a necessidade da luta por água, passarela, farmácia comunitária, centro de saúde, etc.

**2. A segunda esfera social** – É a esfera do **movimento popular**. O compromisso social das Comunidades Eclesiais de Base promoveu e incentivou o aparecimento, na metade dos anos 70, de uma malha de movimentos populares (O Brasil, é o país do mundo, depois dos Estados Unidos, que mais tem movimentos sociais. Com a diferença de que aqui eles têm um corte popular).

**3. A terceira esfera social** - É a esfera do **movimento sindical**. Ainda nos anos 70, os movimentos populares começaram a ganhar um caráter de classe. Através das oposições sindicais, contribuíram para o ressurgimento do movimento sindical. A greve de

78, na Scânia, em São Bernardo do Campo, ilustra o processo que levou à nova reafirmação do sindicalismo brasileiro culminando, em 1983, com a fundação da CUT.

**4. A quarta esfera social** - É a esfera dos grupos e **partidos políticos**. O movimento social popular, por seu caráter de classe, adquiriu uma formatação própria. Aí, se esboçaram projetos de sociedade, que se consubstanciaram em partidos políticos.

**5. A quinta esfera** – Os partidos, por sua vez, decidiram disputar espaços na esfera do poder estatal. Com isso, conseguiram chegar à quinta esfera: **as administrações populares**.

Diz-se que quem não está numa dessas cinco esferas, não está na luta. Elas são as esferas de articulação do movimento social brasileiro. Não há como articulá-lo fora dessas esferas.

## 1) Desafios das Esferas Sociais

No início do CEPIS, sonhávamos em fazer uma revolução no Brasil (Continuo sonhando, embora admita que a atual conjuntura não nos favoreça. Por isso, sou considerado tetrassauro). Creio que esse país não tem solução, a não ser por uma mudança radical. Naquela época, perguntávamos: é possível fazer revolução sem uma dessas esferas? Se alguém dissesse que sim, teria que dizer qual delas seria dispensável. Significava dizer que havia esferas estratégicas e esferas táticas. Hoje, o consenso é que não é possível fazer qualquer mudança ou transformação social, neste país, dispensando uma dessas esferas. Quer dizer que todas são estratégicas.

Boa parcela da esquerda mexicana se diz agnóstica, atéia e anti-clerical. Por razões históricas, a revolução mexicana de 1912, se fez contra a Igreja. Brincamos com os companheiros do México dizendo: enquanto a companheira Guadalupe não aderir à proposta de vocês, aqui não vai ter mudança!

Acredito que, no Brasil, é a mesma coisa: enquanto a companheira Aparecida não aderir, não tem jeito. Não dá para fazer mudança social com a companheira Aparecida falando contra. A Igreja é um setor estratégico no contexto latino-americano, como mostra a experiência, sobretudo na Nicarágua. No Brasil, isso é muito mais acentuado.

## 2) A Interação entre as Esferas Sociais

Como as esferas desenvolvem, entre si, uma relação que possibilite uma interação e evite exclusão?

É mantendo vínculos, de tal maneira que haja uma interação e preservando dois fatores:

a) **A Autonomia** de cada esfera - A Igreja não pode querer tutelar o movimento popular. Há quem considere que a CPT teve uma tendência tuteladora, por exemplo, em relação à luta da terra, até que o MST surgiu e se destacou da Igreja.

Com o MST acontece uma coisa curiosa: todo o pessoal da direção nacional, sem exceção, veio da Comunidade Eclesial de Base. Como se diz por aí, “*é tudo igrejeiro*”. Hoje, é difícil encontrar uma liderança popular, no Brasil, que não tenha iniciado sua militância na pastoral. Até lideranças das quais quase ninguém desconfia. Quem é antigo como eu, mas não é velho, conheceu muita gente rezando na Igreja: José Genoíno, Luiza Erundina, Vicentinho, Meneguelli, entre outros. Lula é uma exceção, pois começou pelo sindicalismo. A grande maioria das lideranças populares começou nas pastorais.

O desafio é como manter a autonomia. O partido não pode querer tutelar o movimento popular e sindical. O movimento popular e sindical não pode atrelar-se ou manter uma relação utilitarista com o partido.

Aparecida falando contra. A Igreja é um setor estratégico no contexto latino-americano, como mostra a experiência, sobretudo na Nicarágua. No Brasil, isso é muito mais acentuado.

## **2) A Interação entre as Esferas Sociais**

Como as esferas desenvolvem, entre si, uma relação que possibilite uma interação e evite exclusão?

É mantendo vínculos, de tal maneira que haja uma interação e preservando dois fatores:

a) **A Autonomia** de cada esfera - A Igreja não pode querer tutelar o movimento popular. Há quem considere que a CPT teve uma tendência tuteladora, por exemplo, em relação à luta da terra, até que o MST surgiu e se destacou da Igreja.

Com o MST acontece uma coisa curiosa: todo o pessoal da direção nacional, sem exceção, veio da Comunidade Eclesial de Base. Como se diz por aí, “*é tudo igrejeiro*”. Hoje, é difícil encontrar uma liderança popular, no Brasil, que não tenha iniciado sua militância na pastoral. Até lideranças das quais quase ninguém desconfia. Quem é antigo como eu, mas não é velho, conheceu muita gente rezando na Igreja: José Genoíno, Luiza Erundina, Vicentinho, Meneguelli, entre outros. Lula é uma exceção, pois começou pelo sindicalismo. A grande maioria das lideranças populares começou nas pastorais.

O desafio é como manter a autonomia. O partido não pode querer tutelar o movimento popular e sindical. O movimento popular e sindical não pode atrelar-se ou manter uma relação utilitarista com o partido.

**b) Evitar a Absorção** de uma esfera pela outra e/ou que uma esfera queira excluir a outra. A administração popular, por exemplo, não pode absorver os movimentos populares.

Brizola, no seu primeiro governo do Rio, matou parcela considerável dos movimentos populares, nas favelas do Rio. Ele estatizou, institucionalizou o movimento popular. Cometeu o erro da absorção. F H C faz o contrário: tem uma política de exclusão do movimento popular. É o exemplo da administração pública que exclui o popular, não o reconhece e procura deslegitimá-lo.

O projeto de base que norteava nosso trabalho era conduzir a Educação Popular em função da articulação e do fortalecimento das esferas, bem como o desenvolvimento dessa inter-relação. Evitando a exclusão, fortalecendo a autonomia e impedindo a absorção.

### **III - NOVOS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR**

Fazer Educação Popular, hoje, é difícil. Do relato do primeiro dia da Jornada, deu para sentir algumas dificuldades mais perceptíveis e explícitas, como a ligação entre o micro e o macro. *Vale a pena trabalhar com meia dúzia de pessoas, sendo que, de repente, vem o Ratinho e faz um sucesso danado, ou vem o Padre Marcelo e se apropria da nossa linguagem e promove a missa da Libertação? Qual libertação? A que quer mudar o País ou a libertação que fica só no subjetivo, a do consolo?*

Gostaria de compartilhar com vocês algumas inquietações frente à conjuntura. São hipóteses de reflexão sobre o trabalho de Educação Popular, dialogadas com Paulo Freire, nos seus últimos tempos de vida.

#### **1) A Deshistorização do Tempo**

Na Educação Popular temos que aprender a colocar os conceitos em linguagem plástica. Existe um princípio sagrado: *“o povo não tem que entender o que eu digo, o povo tem que ver o que eu digo”*. Se não conseguimos transformar o conceito em metáfora, ou em imagem, continuamos falando em linguagem estranha. Corremos o risco de puxar o povo para uma linguagem intelectualista. Da mesma forma que o carcereiro que lia nossas cartas na prisão para fazer censura. Ele não tinha nenhuma instrução. Um dia chegou na cela e perguntamos: E aí Antônio? (Ele vivia contando os dramas com a noiva: brigava, reatava - não desatava, nem chegava ao casamento). Como vai com tua noiva? Ah frei, o negócio tá difícil, agora nós estamos num antagonismo danado.

Ele tinha lido em nossas cartas antagonismo, achou bonito e aplicou na relação deles.

A Educação Popular afirma: “*é preciso ter um varal, onde se possa dependurar os conceitos e analisar a realidade*”. O varal é a percepção do tempo como história. Isso é um dado cultural. Existem civilizações, tribos, grupos, que não têm a idéia do tempo como história. Os gregos antigos, por exemplo, não tinham - o tempo para eles era cíclico. Mesmo na cultura ilustrada, hoje, o tempo cíclico está voltando, através do esoterismo. Muita gente acredita na reencarnação, vida após a morte, etc.

A essência do neoliberalismo é a deshistorização do tempo. Quando Fukuiama declara que *a história acabou*, expressa aquilo que o neoliberalismo quer incutir: “*Chegamos à plenitude do tempo, o modo neoliberal de produção capitalista, o mercado! Poucos são os escolhidos e muitos os excluídos e não adianta mais querer lutar por uma sociedade alternativa!*”

É difícil, hoje, falar em sociedade alternativa. Socialismo, nem pensar; criou-se um pudor, um bloqueio emocional... como? Falar em socialismo? “*Socialismo acabou, desabou, ruiu, foi enterrado!*” As alternativas que aparecem, em geral, são intra-sistêmicas, não conseguem passar disso.

A idéia de que o tempo é história é dos persas, repassada aos hebreus e acentuada pela tradição judaica. Curioso é que os três grandes paradigmas de nossa cultura são judeus (Jesus, Marx e Freud) e, portanto, trabalharam com a categoria: tempo é história.

Não se consegue estudar o Marxismo sem aprofundar os modos de produção anteriores, para entender como se chegou ao modo de produção capitalista. E entender como suas contradições podem levar ao modo de produção socialista e comunista. A análise Marxista supõe o resgate do tempo como história.

Se alguém faz análise, o psicanalista logo pergunta sobre seu passado, sua infância, sua criação. Toda a psicologia de Freud é um resgate de nossa temporalidade como indivíduos.

A perspectiva de Jesus é histórica. O Deus de Jesus se apresenta com *currículo vitae*: não é um deus qualquer - é Deus de Abraão, Isaac e Jacó, ou seja, um Deus que faz história. A categoria principal da pregação de Jesus é histórica: o Reino de Deus. Embora colocado lá em cima pelo discurso eclesiástico, teologicamente não se situa lá em cima. O Reino é algo lá na frente, é a culminância do processo histórico.

É curioso que, na Bíblia, a história, como fator de identificação do tempo, é tão forte que, no relato do Gênesis, a criação do mundo já aparece marcada por essa historicidade do tempo, antes do aparecimento do ser humano.

Na nossa cabeça, história é aquilo que homens e mulheres fazem. Então, não haveria história antes dos homens e mulheres, tanto que se fala em pré-história. Para a Bíblia, já há história antes do aparecimento do ser humano. Tanto que os gregos consideravam o deus dos hebreus um deus muito incompetente, de quinta categoria. Um verdadeiro deus, segundo os hebreus, cria como o Nescafé: instantâneo, não a prazo, como mostra o relato bíblico. No relato da Criação, em sete dias, já há uma historicidade.

O neoliberalismo está detonando essa perspectiva. Por isso, estamos correndo o risco de fazer Educação Popular querendo dependurar a roupa sem ter varal. Esse varal, por trás da cabeça, do tempo enquanto história, é fundamental para que alguém possa visualizar o processo. Isso acontece também na dimensão micro da nossa vida. Por que, hoje, as pessoas têm dificuldade de ter projetos de vida? Por que os jovens

chegam ao terceiro colegial e não têm a menor idéia do que vão ser, que vestibular vão fazer, que pretendem da vida? Cada vez saem mais tarde da casa dos pais. Pela perda da dimensão histórica, é tudo aqui e agora.

Quem mais favorece isto é a televisão. Nossa geração é a última geração literária. Porque literatura é narrativa. E narrativa tem começo, meio e fim. Imprime nas pessoas um certo senso de historicidade.

## **2) A TV e a Deshistorização**

O livro induz à historicidade, a TV incute à circularidade. Ela detona a idéia de passado, presente e futuro, começo, meio e fim. Na mesma tela, você vê o Ayrton Senna sendo enterrado e o Senna recebendo prêmio ou tomando banho de champanhe no fim da corrida.

Isso cria na cabeça das novas gerações, a idéia de circularidade, nunca de temporalidade, muito menos de historicidade. O que foi pode ser; o que pode ser já foi; o que é agora volta depois a não ser. Porque as coisas circulam, as coisas não têm uma progressão.

O grande fator de mudança dessa mentalidade é a televisão. A TV é um desafio para a Educação Popular. Como trabalhar o “*ver TV?*”

Todo o sistema escolar trabalha o ler livro. O sistema escolar brasileiro trabalha a leitura de textos. É um trabalho importante, mas de certa forma anacrônico. Porque não basta que as pessoas sejam educadas para ler textos; precisam ser educadas para ver TV.

No Brasil, a média diária de um aluno do curso secundário, é de quatro horas na escola e quatro horas e meia diante da TV. A média européia é de oito horas por dia na escola e, no máximo, três horas diante da TV. Então, no Brasil, a TV tem uma força muito grande na formação das pessoas.

Precisaríamos introduzir a educação para ver TV. Não basta falar que o Ratinho não presta, nem apelar para censura. A questão não é essa. A questão é como educar para ver TV, de tal maneira que as pessoas tenham discernimento crítico. Antigamente havia cine-clubes no Brasil. Assistia-se a um filme, debatia-se e, com isso, as pessoas aprendiam a decifrar o código do cinema. Precisamos fazer isso, hoje, com a televisão. Para que as pessoas tenham um distanciamento, uma percepção crítica da televisão.

## **3) Novos Paradigmas da Educação Popular**

Outro fator de desafio para a Educação Popular, são os novos paradigmas. A Educação Popular, tal como foi desenvolvida na obra do Paulo Freire e, por consequência, no CEPIS, estava muito calcada em dois paradigmas: o do Personalismo Cristão e o Marxista. Os dois paradigmas cunharam a expressão, hoje não tão em moda “conscientização.”

Havia quase a crença de que a consciência é o determinante na nossa vida. Bastava alguém *fazer a sua cabeça* e, pronto, você aceitaria uma nova visão.

Bastava uns novos conceitos e você teria mudado sua vida. A experiência mostrou que não é bem assim.

O paradigma da conscientização era um paradigma cartesiano e, de certa forma, idealista. Porque supunha que a pessoa é um sujeito histórico do pescoço para cima.

Isto levava e, ainda leva, a contradições absurdas no processo de realização da Educação Popular. Minha palestra aqui com vocês, por exemplo, é anti-Educação Popular. Só que não tem outro jeito quando há duas palestras na mesma manhã. Não é possível realizar aqui um *workshop* nem um trabalho mais a longo prazo. Não tendo outro jeito, vai na base da palestra. Mas, isso é educação bancária.

O problema é que na prática da Educação Popular, em nome de uma educação e de uma metodologia libertadoras, continuamos fazendo práticas bancária e colonizadora. Achemos, na prática, que vamos *fazer a cabeça* do educando: não partimos do educando.

O difícil na Educação Popular, como enfatizava Paulo Freire, é como permanentemente educar o educando e educar o educador. O educador se educa a partir do educando. Como educador posso ou não me deixar reeducar, tenho esse poder. Em geral, nossa tendência é não deixar, é não ser questionado.

O processo de Educação Popular tem que ser indutivo e não dedutivo. Devemos partir do educando porque é a única maneira de partir da experiência do grupo, senão vamos continuar partindo da idéia dos educadores. E isto é Educação Popular, conceitualmente libertadora, com uma prática colonizadora.

O paradigma da conscientização precisa ser melhor discutido. Descobrimos que as pessoas, incluindo todos nós, não fazem exatamente o que julgam certo, nem o que pensam. Fazem o que gostam e, muitas vezes, gostam do que não pensam ou pensam uma coisa e fazem outra. Até São Paulo, numa de suas cartas fala "*eu penso uma coisa e faço outra*".

Isso não significa que corremos o risco de jamais acertar. O problema é que, com muita frequência, formamos liderança conscientizada. Porém, sua relação, nas instâncias de poder, é opressiva e burguesa como qualquer político inimigo. Por isso, é difícil ter verdadeiras lideranças.

A Educação Popular tem esse poder no Brasil, formou muitas lideranças, formou um poder popular. O Brasil é um país notoriamente permeado por um poder popular. Isso é raro, mas ocorreu entre nós. Basta olhar o número de deputados e senadores que, no Brasil, vieram da base. Gente que era colono, camponês, operário. Isso é raro, na América Latina.

O Presidente da República não pode tomar uma medida econômica, sem perguntar o que a CUT pensa. O Vicentinho deu uma entrevista ontem(25.11.98), falando do risco de convulsão no ano que vem. Hoje, já tem uma resposta oficial porque o presidente não pode dizer: *A CUT e Vicentinho não tem a menor importância*. Não pode, porque há um poder popular que incomoda, que mobiliza. Com toda precariedade, conseguimos avanços: Administrações Populares, mudanças na legislação, conquistas sociais e até Governo de Estados.

#### **4) A Educação Popular deve trabalhar com Novos Paradigmas:**

##### **a) Dimensão Holística da realidade.**

Holos, palavra grega, em inglês “*whole*”, quer dizer totalidade; daí a palavra holofote = luz que abrange todo o campo. É preciso ter presente que o educando, assim como o educador é um ser em totalidade, em relação, em contradição, dotado de razão e emoção. É um ser que, na hora das compras, não está pensando, está sentindo. É um ser que tem uma série de relações que ultrapassam a análise política, cartesiana, explícita, conceitualmente correta e definida. Essa teia de relações precisa ser levada em conta no processo educativo. Há um vínculo indestrutível entre os seres humanos, entre nós e a natureza, entre nós a natureza e o cosmo.

##### **b) Dimensão ecológica.**

A questão ecológica é uma *faca de dois gumes*. Existe a maneira idealista, burguesa de encarar a questão ecológica. Mas, existe a maneira libertadora e revolucionária de encará-la.

O grande legado do Chico Mendes foi ter entendido que não há nada que aconteça na natureza que não interfira na nossa vida humana, e não há nada que ocorra na nossa vida humana que não interfira na natureza.

O desafio é estudar como se dá a relação com a ecologia. Pois, não se trata apenas da luta pelos golfinhos do Golfo Pérsico e pelas baleias do Alasca, esquecendo as crianças do Nordeste e da África. Até porque o bicho mais ameaçado de extinção é o Ser humano.

Levar em conta dimensão ecológica é considerar as relações, é ampliá-la para a relação com a natureza. A Educação Popular acentuou a relação com a sociedade. A bandeira da ecologia também é revolucionária. Porque ecologia é como avião: embora haja divisão de primeira classe, classe executiva e classe turística, na hora que cai, não há distinção de mortos, morrem todos iguais.

A questão ecológica atinge indistintamente a todos. Isso nos faz reformular também, a idéia de aliados. Nós tínhamos uma idéia de classe, (as classes continuam na sociedade) muito permeada pelo econômico. Às vezes, deixávamos de ampliar o leque de aliados por não perceber que há demandas que dizem respeito à vida das classes dominantes, tanto quanto à nossa vida, como é a questão do meio ambiente.

*Não há distinção. O meio ambiente afeta igualmente ricos e pobres. Por aí, é possível mobilizar todo um setor da sociedade que, por nossos preconceitos, estão sendo mobilizados por nossos inimigos de classe. Por preconceito paradigmático deixamos setores expressivos da*

sociedade em mãos daqueles que querem perpetuar o sistema e não daqueles que querem mudar, porque não trabalhamos a dimensão libertadora dos paradigmas.

##### **c) Outros acenos - relações de gênero, sexualidade, afetividade e subjetividade.**

Acompanhamos lideranças populares, em cursos de Educação Popular que não sabiam falar nem o próprio nome. Daí a alguns meses, estavam fazendo comício, em porta de fábrica. A valorização das potencialidades do educando é fundamental. Como, no processo educativo, manteve-se o

preconceito burguês de que o afetivo e o sexual são privados, a coisa começou a desandar. Muitas crises ocorriam na esfera afetivo-sexual. Isso teve ressonância brutal no trabalho, na liderança, no sindicato, no partido, no grupo político. Muitas vezes perde-se militantes por força do tabu de manter silêncio quanto a essa esfera.

Hoje, nos processos de Educação Popular, já se discute subjetividade e sexualidade. Ainda não tanto quanto se deveria. Está provado que temas sobre os quais pouco se fala, mais besteira se comete. Nas escolas não se falava de sexo, não se falava de política e, por isso, muita bobagem se fez e se faz.

No momento, a discussão é saber quais são os novos paradigmas da Educação Popular. O que seria uma Educação Popular pós-paulofreiriana? O que Paulo Freire desenvolveu foi muito importante para o contexto em que viveu. Como as teorias de Marx foram importante para entender a sociedade capitalista, nos tempos da revolução industrial. Contribuição que continua válida, ainda hoje. Mas, há toda uma crítica à teoria do Marx porque, em muitos aspectos, já não corresponde à realidade globalizada em que vivemos. Isso vale para as teorias pedagógicas de Paulo Freire. Como desenvolver uma metodologia, uma teoria de Educação Popular incorporando o legado de Paulo Freire e fazendo-o avançar? É um desafio que se apresenta a todos nós.

#### **d) Relação do micro com o macro.**

Não podemos pensar em Educação Popular como um processo só de base. Temos que pensar em Educação Popular como um processo de base e de quem também já não está na base.

Educação Popular não é um processo que só usa instrumentos ou recursos, na base do workshop, do pessoal, do trabalho no bairro. É necessário utilizar a metodologia de Educação Popular em vídeo, em cinema, em televisão, em administração pública. O desafio é fazer administração pública dentro da dinâmica da Educação Popular.

A questão do pessoal e social, do micro e do macro, do particular e do geral, do local e do global são novos paradigmas sobre os quais temos que pensar no quadro de Educação Popular. Senão, corremos o risco de estar certinhos no miúdo, enquanto o *geralção* segue noutra direção e acabamos atropelados por essa enchente. É importante repensar os paradigmas e conseguir criar uma nova cultura pedagógica dentro de novos parâmetros, novas referências e nova visão.

## IV - PERGUNTAS À EDUCAÇÃO POPULAR

### 1) Educação Popular e Educação Formal

- É possível, na escola formal, adotar a metodologia de Educação Popular? Só se a escola formal deixar de ser formal. É possível levar para a escola formal algumas pedagogias da Educação Popular. Não é possível adotar, na escola formal, a metodologia da Educação Popular (a menos que se abandone a metodologia não popular). A institucionalização da escola brasileira é muito forte: começa do currículo que não é definido pela própria escola.

É possível criar uma escola com a metodologia da Educação Popular. Seria uma escola alternativa como as escolas de formação de lideranças populares, como Cajamar, em SP; Equip no NE; Sete de Outubro, em MG. Mas nunca será uma escola formal - tal escola não dá diploma de ensino fundamental, colegial, não tem como.

A impossibilidade de adotar a metodologia popular vale para outros espaços institucionais criados por quem tem a lógica de reprodução do sistema. Em geral, são espaços positivos nos seus objetivos imediatos e até necessários (Conselho tutelar, atenção às crianças, projetos de saúde, etc). Como já abandonamos a visão apocalíptica da sociedade, não vamos *entrar nessa* de não fazer nada disso porque isso só na nova sociedade.

Descobrimos que o novo se faz agora e, através dessa acumulação do novo, vamos conseguir detonar o velho. Não adianta esperar que o velho desabe. Através de passos e iniciativas novas temos que criar um câncer ao revés que contamine a célula social, de tal maneira, que acentue as contradições e possibilite, no futuro, a mudança da sociedade. Não se pode ter a ilusão de um espaço previamente institucionalizado à espera de nossa entrada ou da entrada de uma concepção de metodologia de Educação Popular, onde se possa fazer um trabalho, com toda liberdade. Haverá sempre tensões, contradições e, como diria o Gramsci, guerra de posições pela conquista de espaços.

A escola é uma das quatro instituições paradigmáticas da modernidade. Se a modernidade está em crise, as suas quatro principais instituições estão em crise: a Família, o Estado, a Escola e a Igreja. Em Minas, se diz que o sujeito é louco quando não se enquadra em uma dessas instituições. Que acontece se as quatro instituições estão em crise: os perfis estão embaralhados, confusos e precisam ser novamente delineados.

O problema da escola é que tem que ter um quadro curricular - é escrava de uma cronologia curricular e, no fim do ano, os alunos devem ser promovidos à série seguinte.

A Educação Popular, é incompatível com a cronologia curricular porque depende do tempo dos educandos e não do tempo do currículo. Uma coisa impressionante na Educação Popular é a diferença de tempo de uma turma para outra. Uma turma avança em determinados temas, enquanto outra demanda muito mais tempo. O desafio é conseguir inventar uma escola que não se enrosque no controle do Ministério da Educação. Desafio que o MST está tentando enfrentar com as escolas do campo.

Colocar toda uma outra dinâmica na escola formal é possível, embora não seja fácil. Ernesto Cardenal, Ministro da Educação da Nicarágua Sandinista, tinha uma proposta de reforma educacional interessante, que não foi efetivada, por causa da agressão americana. Acabava com o currículo. Não existia mais a coincidência entre progresso escolar e cronologia anual. Um camponês poderia fazer a 6ª série, em seis meses ou em seis anos, dependendo do tempo dele. A proposta superava esse negócio de vencedor e de vencidos. Ninguém teria que fazer prova no fim do ano para poder passar para 7ª série.

Um camponês quer trabalhar a terra e quer estudar. Ele tem um tempo, e dentro dele vê se pode fazer a 6ª série, em três ou quatro anos. Sabe que não está competindo com ninguém, não vai fazer prova no fim do ano, não vai ter que adivinhar, múltipla escolha, etc.

Geraldo França de Lima era meu professor de história. No dia da prova dava as questões, mandava os alunos trazer livros, enciclopédias, bibliografia pertinente e depois saía da classe dizendo: - *consultem-se e consultem a bibliografia, à vontade*. Os alunos achavam *um barato* porque era o único professor no mundo que deixava colar. Muitos levaram anos para ter consciência que foi o único professor da época que nos ensinou não ser preciso adivinhar nada, mas consultar e pesquisar.

Existe uma série de inovações por aí. Mas ainda são uma gota d'água, no oceano de um sistema escolar preso ao currículo, à tradição e à mentalidade pedagógica que perdura na escola brasileira. No Quênia, África, existe uma experiência de educação que impressiona: ela tenta uma adequação entre o pensar e o fazer. Não pretende ser Educação Popular, é educação burguesa. Mas é um passo do qual nossa educação está a mil anos luz. Uma das exigências da escola é que cada aluno passe uma semana do ano convivendo com

trabalhadores, para permitir ao aluno entender como a cidade se articula por baixo. Alguns saem de madrugada com os lixeiros da cidade, na coleta de lixo; outros, uma semana de estágio como auxiliar de enfermeiro, no hospital público, etc.

Na nossa escola, as pessoas passam vinte e dois anos nos bancos escolares, saem com diploma, mas não sabem cozinhar, costurar, consertar um eletrodoméstico, entender de mecânica de automóvel, passar roupas. Na escola, nunca se debate coisas como perda, ruptura, afetividade, sexualidade, morte, dor, espiritualidade. Nossa escola ainda não chegou em coisas elementares.

Uma escola, dentro do modelo de Educação Popular, teria que discutir matemática a partir da feira e do supermercado ou discutir geografia a partir da queda do muro de Berlim e das mudanças do mapa em função das recentes guerras nos Bálcãs.

A interdisciplinaridade, que já passou para multidisciplinaridade e já está na transdisciplinaridade seria a primeira condição para a escola funcionar. E não estamos falando em Educação Popular, onde o quadro docente deveria ter a mesma perspectiva estratégica, sem o disparate de ter um professor que é fanático do PFL e, outro, que acha que a salvação do Brasil está no PT.

Se um aluno vai para o colégio batista, a primeira coisa que o diretor diz é: *a regra do jogo aqui é ditada pela Igreja Batista, você aceita? Se aceita, tudo bem. Senão, existem centenas de escolas, pode procurar outra!*

Nenhuma escola ousa dizer que a regra do jogo é seguir a tradição da sociedade. Nenhuma ousa dizer: *seu filho vai fazer estágio num assentamento dos Sem Terra, vai participar da coleta de lixo, vai sair com a polícia durante uma semana, você aceita?* Nem dizer: *nossa perspectiva da educação é dar uma visão crítica, aceita?*

Hoje, o aluno, em geral, matricula-se numa escola onde cada professor pensa uma coisa. Pode-se dizer que, no Brasil, as coisas estão engatinhando. Existem iniciativas onde os municípios têm uma liberdade maior. Mas, reforma educacional, estamos distantes dela. No conjunto das reformas brasileiras não se fala em reforma da educação, ou se fala muito pouco. Ainda não chegou à mídia, como chegaram a reforma agrária, a reforma fiscal, a reforma tributária.

## **2) Educação Popular e Excluídos**

É uma questão séria. Cada vez mais os setores populares estão premidos pela sobrevivência imediata. E quando a pessoa está muito angustiada pela sobrevivência imediata, não tem tempo nem cabeça para participar de reuniões, treinamentos, encontros.

Isso é um fator complicador para o nosso trabalho. Não adianta trabalhar com pessoas que estão na miséria, mas sim com o trabalhador profissionalizado. Ninguém consegue mobilizar um sujeito que *tá lascado*, preocupado com a comida de cada dia. As mobilizações, no Brasil, surgiram no setor mais elitizado do operariado brasileiro que eram os metalúrgicos. A luta pela terra por que acontece? Porque o agricultor tem um espaço de ociosidade no seu calendário anual que permite a ele se mobilizar. Porque ele se adequa ao tempo da natureza, que não é o tempo do relógio nem o tempo do trabalho urbano. É outra dinâmica de tempo.

É importante procurar setores onde, estrategicamente, compensa investir nosso trabalho. Isso não significa que vamos deixar de trabalhar com os sofrendores de rua, com quem mora debaixo da ponte ou a criança com AIDS. Temos que ter clareza, dentro de um processo social mais amplo, onde investir na formação de novas lideranças populares.

Os trabalhos de atendimento são importantes, urgentes. Porém, a dinâmica da Educação Popular tem que visar a mudança social. E ao visar a mudança social, tem que saber investir nos setores ou pessoas que têm o potencial de multiplicadores. Esses, por sua vez, vão ajudar na formação daqueles que trabalham diretamente com setores excluídos, a nível emergencial.

O trabalho do padre Júlio Lanceloti, em São Paulo, com crianças órfãs, aidéticas, sem família, abandonadas pelos pais, é muito importante. Até porque é um trabalho que tem ressonância política. Graças a esse trabalho o Estado ainda não ousou dizer que a verba para portadores de HIV está suprimida. Até agora, já cortou um bilhão e meio da saúde, mas não cortou ainda a assistência aos portadores de HIV. O trabalho do padre Júlio tem muito a ver com isso porque é uma pessoa muito consciente. Quando o governo ameaça cortar o abastecimento para o tratamento das crianças, ele transforma isso num fato político e o governo recua.

Os trabalhos emergenciais são importantes. Mas, a Educação Popular tem que se centrar nas lideranças e em monitores, tipo padre Júlio, que fazem trabalhos

emergenciais numa costura com o trabalho político. Não é o fato dele cuidar de crianças que seu trabalho seja caracterizado como meramente assistencialista. Seria injusto em se tratando do trabalho dele. Ele tem visão de como seu trabalho específico se articula com o macro, com a situação política.

### 3) Educação Popular e Eleições

Na teoria as coisas são claras e distintas; na prática são complexas - na prática a teoria é outra. Um movimento popular ou pastoral deve ter a preocupação de nunca dizer *vote nesse ou naquele candidato* para vereador ou presidente do sindicato. As pessoas, quando entram num movimento, seus objetivos não são prioritariamente partidárias ou eleitorais. No momento em que o educador leva o movimento para uma questão partidária ou eleitoral, corre o risco de constranger pessoas do movimento.

O educador não pode omitir-se de debater a questão política, sindical ou partidária, desde que cada pessoa possa fazer sua opção. Ninguém no movimento pode se sentir constrangido a votar nesse ou naquele candidato. O desafio do educador é possibilitar aos militantes o discernimento pelo qual eles possam chegar a essa opção. Quando um movimento popular, como fez o MST nas eleições presidenciais de 1998, adota oficialmente uma candidatura, pode criar um constrangimento para muitos que estão no mesmo movimento, mas não têm a mesma simpatia por uma candidatura.

Isso se torna mais melindroso quando o processo que adotamos em favor do *nosso* candidato, não é um processo que passa por ampla discussão. O caso concreto de São Paulo - o mapa eleitoral mostra que nos assentamentos do Pontal, Maluf e Oscar tiveram mais votos que Marta e Suplicy. Isso já é, em si, um dado extremamente inquietante. O educador imagina que há todo um trabalho e, de repente... Na Fazenda Primavera, região de Lins, fez-se uma das primeiras e mais organizadas lutas dos sem terra pela expropriação da fazenda, ainda no tempo ditadura. Na eleição seguinte, a ARENA ganhou dentro da Fazenda Primavera: os agricultores agradeceram ao governo as terras conquistadas.

A mobilização do MST favorece uma maioria de acampados que está ali em função da obtenção da terra. Como precisam da terra, as pessoas resistem heroicamente, às vezes quatro anos, num acampamento de beira de estrada. Não querem virar favelados, não sabem fazer nada na cidade, não querem migrar para cidade porque será uma desgraça maior. Preferem resistir, à espera de uma possibilidade. A pergunta é: como o MST deveria desenvolver o trabalho com os assentados e acampados? Muitas vezes, o MST prioriza as mobilizações de massa, a

formação escolar formal, dentro de uma nova concepção, mas ainda escolar formal.

Um dos trabalhos mais positivos do MST é o trabalho das escolas rurais - escolas do campo, educação do campo. Mas, falta ainda aprofundar a questão da Educação Popular. O desafio do movimento é conseguir criar sua equipe interna, nacional, de Educação Popular. Poderia criá-la, a partir dos seus educadores, que são muitos, uma equipe volante, a nível nacional, que formaria equipes regionais e, depois, equipes locais voltadas para a Educação Popular. Talvez essa seria a maneira de superar algumas contradições que estão ocorrendo dentro da esfera política.

O resultado eleitoral do MST é preocupante. Apoiou muitos candidatos que não se elegeram. A direção nacional está avaliando esse fato. É difícil fazer discussões teóricas em situações emergenciais.

#### **4) Educação Popular e Orçamento Participativo**

O orçamento participativo pode ser, em si, um grande avanço. O problema está na metodologia desse processo. De que adianta um orçamento participativo se o orçamento já está decidido? Se já está decidido é uma contradição com a proposta do orçamento participativo.

Diante disso, pode-se ter duas posturas: a) uma não educativa - *isso tem que ir nesse bairro para saúde*; b) outra educativa, *vocês, do bairro, decidam o que fazer com esses recursos públicos*. O prefeito pode até saber que, naquele bairro, não tem sequer um posto de saúde. Mas, se o bairro decidiu fazer um campo de futebol, que se faça o diabo do campo de futebol.

O problema é achar que o povo deve ser educado no popular, *enquanto vai na nossa*. Por isso, ficamos sumamente irritados quando o povo toma uma decisão que não coincide com aquela que esperávamos. Isso mostra o quanto ainda somos colonizadores.

Numa favela em Vitória, tivemos uma experiência muito rica. Com meu companheiro de comunidade fizemos um voto de silêncio, durante seis meses. Havia um centro comunitário bem organizado na favela. O silêncio foi a nossa salvação. Se tivéssemos aberto a boca o pessoal perceberia que éramos de outra classe social, de outro nível. E, nas discussões, iriam logo perguntar o que nós achávamos disso ou daquilo!

Quanta besteira teríamos dito se entrássemos naquela de querer ajudar alegando que temos *mais cultura, sabemos mais...* Um dia, o Secretário de Obras foi falar que a favela seria urbanizada através do sistema de mutirão. Um morador, lá no fundo do salão, levantou o braço - *eu queria falar, - não, reagiu o secretário, deixa eu explicar como vai funcionar o mutirão, depois dou a palavra para o senhor*. Aí o secretário ficou meia hora explicando o que é mutirão. Bem, no fim, perguntou: *o senhor queria falar o quê ? - Eu só queria contar pro senhor-* disse o homem- *que este centro comunitário a gente construiu em mutirão*.

Temos o vício de ser direcionista, em nome da Educação Popular. A questão não está no conselho, a questão está em como fazer, com os agentes populares, treinamentos permanentes de Educação Popular. Educação Popular é como ginástica, parou de fazer engorda, parou de fazer fica acomodado. Não existe *eu já fiz e agora estou diplomado vou ser um super educador popular o resto da vida*. Educação Popular é a ginástica do espírito pedagógico, não tem jeito, não se pode parar.

#### **5) Movimento Popular e Movimento Social**

Existe uma distinção entre movimento popular e movimento social. O movimento social é o movimento global das entidades (ONGs, grupos organizados, cooperativas, etc.) que trabalham em função de demandas específicas. Movimento

popular é o que congrega e mobiliza o mundo popular - assalariados, desempregados, excluídos e marginalizados. O movimento popular se caracteriza pela particularidade de ser centrado numa demanda, que pode ser material ou simbólica.

São populares os movimentos de conquistas de direitos, ( humanos, mulheres, negros, etc.); de resistência, (numa área ameaçada de ser despejada, escola a ser tirada, ou centro de saúde a ser fechado); de solidariedade (aos sem terra, ao Timor Leste); de protesto (contra o presidente, a empresa, em defesa do meio ambiente, etc.).

Não existe movimento popular confessional. Na fundação da Central de Movimentos Populares um dos critérios foi que as Comunidades Eclesiais de Base não podiam se filiar a ela. Embora as CEBs façam parte do movimento social, elas não são movimento popular, na medida em que são movimentos pastorais confessionalizadas.

Quem não é católico não deveria ter razão para entrar na CEB, que é um movimento apartidário. O movimento popular não pode ser atrelado a um determinado partido político. As pessoas estão ali para lutar por água, saúde, escola, terra, independentemente de preferências partidárias, eleitorais ou confessionais.

Eis algumas características dos movimentos populares: podem ser movimentos lúdicos (circo, teatro, arte, estéticos); movimentos de produção (atender a sobrevivência imediata: costura, horta, farmácia comunitária); movimentos de organização (para trazer maior esclarecimento a respeito das coisas, cursos de atualização); movimentos de qualificação profissional (tipo computação). Tudo isso pode estar na linha do movimento popular, desde que aberto a uma perspectiva mais ampla do ponto de vista estratégico.

Essa característica é fundamental. O trabalho de Educação Popular e o movimento popular têm que estar abertos a uma perspectiva estratégica. Em outras palavras: dinâmica de grupo, qualquer *oficina* da IMB ou da Coca-cola tem. Nem por isso as pessoas ali praticam a Educação Popular.

Muita gente confunde fazer grupo (roda, exercício corporal) com Educação Popular. O que caracteriza a Educação Popular dinâmica é, em parte a aplicação da metodologia. Mas, o que caracteriza a metodologia da Educação Popular é estar aberta a uma visão estratégica, segundo uma concepção de sociedade embutida nessa metodologia, como a crítica à sociedade atual, capitalista neoliberal..

## **6) Educação Popular e Administração Popular**

A maioria dos funcionários de uma administração popular não passam por um treinamento de Educação Popular. Então, não se pode exigir delas o que não têm e nem sabem.

Se alguém perguntar a um prefeito do PT (governador é mais difícil): *Como são as reuniões com o secretariado?* O prefeito ou governador dirá: *Não temos pauta de reunião ,nem fazemos autocrítica entre nós.* Nos reunimos *para resolver casos imediatos, com todo mundo apertado de horário, e acabou.*

Assim, é melhor desistir da Educação Popular. A primeira condição para Educação Popular é criar uma equipe de trabalho que se submeta a determinados critérios, como: aprofundamento, crítica e autocrítica, avaliação, planejamento estratégico, discussão da concepção de cidade. O que pretendem como administradores, além de resolver os problema de água, esgoto, escola, estrada, etc.. Quando um secretário faz isso, ele tem uma concepção de sociedade na cabeça e é preciso tocar nela.

No CEPIS sempre se reafirmou que toda a Educação Popular se resume em duas ferramentas; saca-rolha e chave de fenda. Primeiro, extrair do pessoal o que se vivência na prática. Segundo, pegar a chave de fenda, apertar um parafuso ou afrouxar outro. Sem isso corre-se o risco de cair no ativismo, no empirismo, na improvisação e acabar virando uma administração como outra qualquer.

Uma das contradições que um partido de esquerda carrega é de, na hora da campanha política, entregar a publicidade para alguém que pensa com a cabeça do PFL. É muito complicado: na hora de projetar a imagem do partido, quem faz isso é o cara do PFL, é o publicitário que tem outra lógica na cabeça. (Isso sem falar na suspeita de a equipe de TV estar sendo subornada pelo candidato adversário para minar a campanha entregue a seus cuidados).

## **7) Educação Popular e Trabalho de base**

Trabalho de base, hoje, é conseguir pegar os setores excluídos e dar a eles um mínimo de organização. A partir dessa organização possibilitar a mobilização. O desafio maior hoje, é como organizar os desempregados. Ninguém descobriu a fórmula ainda. Tende a crescer o número de desempregados: é um fenômeno que ultrapassa os setores populares, atinge cada vez mais fortemente a classe média. Nisto há consenso: ninguém está a favor do desemprego, nem os empresários. Mas também não sabem como resolver o problema. Não estão a favor porque sabem o custo social que isso representa.

Em meus tempos de CEPIS, havia um critério: ainda que a gente corra o Brasil inteiro fazendo assessorias, cada educador tem que ter seu trabalho de base. Isso é educativo para o (a) educador(a). É fácil ficar pulando de palestra em palestra, sem ter nenhum trabalho de base!

Deveria ser critério para todo educador ter um trabalho de base. Começar de novo, reencontrar os que voltam, ver os que vão embora, tudo isso pode ser sumamente educativo. Porque dá realismo para o educador: ele pode sentir onde *a coisa tá pegando, onde não está pegando*, e quais as contradições dos processos.

## **8) Educação Popular e Afetividade**

Agora, discute-se mais esse assunto (questão dos filhos, por exemplo), porque as lideranças formadas pela Educação Popular, nesse Brasil, estão mostrando, por sua prática, como o afetivo influi no desempenho político. Enquanto não eram

lideranças, não tinham responsabilidade pública, podiam viver seus problemas afetivos, porque isso afetava, no máximo, a família dele. Agora não, agora isso afeta estruturas e instituições.

Numa certa região do Brasil, havia três dirigentes dos sem-terra: um casal e um rapaz solteiro. Moravam num assentamento. O solteiro sabia dirigir e o casal não, e havia um só veículo. O solteiro se apaixonou pela mulher casada e vice-versa. O marido, por razões de seu compromisso com o movimento, não pôde deixar o assentamento. Então, teve que suportar uma situação profundamente constrangedora, e ainda dependia do outro para se mobilizar.

Situações complicadas como aquela fazem parar todo um trabalho. O assentamento inteiro assistia àquele drama e ninguém sabia quando e como ele seria resolvido. Aliás, ninguém vai acabar com esse tipo de acontecimento; isso faz parte da condição humana. A pergunta é: como reduzir esse tipo de impacto, como trabalhar essas questões mais explicitamente? Existem muitas lideranças revolucionárias, no discurso e na rua. Mas, em casa, reproduzem exatamente o modelo patriarcal, burguês, colonialista. Achar ótimo a esposa ficar em casa cuidando dos filhos.

Já houve casos de protestos de sindicalistas para que suas mulheres não viessem a cursos de formação. Diziam eles: *Antes do curso, elas não pensavam certas coisas, agora estão enchendo o saco lá em casa, e eu não quero*. A resposta de um educador foi: *esse problema não é do educador; vai e resolve isso lá com a sua mulher. Meu critério como educador é colocar como condição o seguinte: cursos só para o casal. Se um não quiser participar, o problema é de vocês dois*.

Mas, existe uma mentalidade muito entranhada na gente. O que se vê nos cursos? O pessoal vem para os cursos, os cursos são sérios. Porém, na psicologia de alguns, os cursos se tornam férias conjugais. A moça do Norte encontra o rapaz do Sul, e os dois, sem parceiros, vão passar quinze dias juntos - por que não curtir uma relação?

Isso torna-se complicado, porque mina a confiabilidade dessas lideranças. Entra-se no terreno da intimidade e, quando a coisa extrapola, é muito difícil manter a dinâmica de trabalho e da equipe dentro desse clima. É uma questão moral a ser discutida. Não existe saída: nem se pode querer acabar com isso. Não se pode cair no moralismo, trata-se de desclandestinizar uma dimensão fundamental das nossas vidas. Com isso, as pessoas vão ter critérios, discernimento, parâmetros e talvez reduzir um pouco mais os problemas.

É possível estabelecer um calendário de encontros que considere os assuntos na base da Educação Popular. Existe um exemplo na vida religiosa, com dois encontros por ano. Aí se discute conjuntura nacional, trabalho pastoral e, e também afetividade e sexualidade. Porque são problemas que afetam a vida de muitos frades. Incluindo o assunto nesses encontros, as tensões e desistências se reduzem. Quando não se tocava no assunto, os problemas aconteciam com frequência. Na medida em que a subjetividade começa a ser debatida e se desclandestiniza, o discurso e as pessoas tendem a ter melhor critério na prática. Mais maturidade na prática, menos envolvimento em situações episódicas que acabam sendo determinantes (o afetivo é sempre determinante). É ilusão achar que as coisas são meramente episódicas. Vive-se isso porque a

ideologia, o cinema, as telenovelas apresentam-nos como episódicos. Na novela é ótimo: ninguém trabalha, casam e recasam, não sofrem, não têm choro, não têm filho, enfim, novela é fantástico. Só que as pessoas transportam isso para a vida real.

Discutir a questão do amor, na sua dimensão pessoal e social é quebrar um tabu. Queremos criar uma sociedade amorizada e amorizante. Quebrar esse tabu, trabalhar essa dimensão, significa colocar o amor como a condição para se viver numa sociedade onde as pessoas são diferentes, sem serem necessariamente divergentes.

## 9) Educação Popular e a Crítica

Uma das marcas históricas do CEPIS, foi a transparência, em termos de entrosamento de membros da equipe. Isso é difícil encontrar numa equipe de trabalho. Não se pode falar em Educação Popular sem falar disso.

Desde o início do CEPIS em 1978, a cada três meses, fazia-se um encontro de um dia, para avaliar o trimestre. Essa avaliação se iniciava pela crítica e autocrítica, que consistia no seguinte: cada um da equipe ficava na berlinda e toda a equipe fazia uma avaliação crítica do seu trabalho nos aspectos positivos e negativos.

E o critério era o seguinte, ninguém podia defender-se, tinha que escutar. No fim da rodada, cada pessoa fazia sua autocrítica. Não se tratava de justificar os erros, os equívocos. A partir do que fora dito num tom crítico, cada um fazia, em equipe, sua avaliação, e daí passava para o seguinte. Dois critérios norteavam a crítica e autocrítica:

**1)** Não tinha direito de falar quem sentisse que ia sair em tom emocional. Se alguém tinha uma crítica a alguém e a coisa ainda estava engasgada na garganta, deixava passar. Era um problema da pessoa: é preciso ter condições de serenidade para criticar o outro.

**2)** Nas críticas negativas ninguém podia justificar-se. Em seguida as duas pessoas deviam conversar, a sós, para resolver seus problemas.

Essa prática trouxe uma grande transparência. Quem sabe, por isso, o CEPIS tem durado tanto. Porque, muitas vezes, nas equipes, acontecem competições, concorrências, disputa de espaço, e as coisas vão ficando entaladas, e quando estouram já não têm remendo.

O método de crítica e autocrítica é um fator importante, difícil de se encontrar em qualquer equipe de trabalho. Do sindicato ao governo da prefeitura, se poderia adotar a metodologia de Educação Popular que Jesus adotou. Um dia ele perguntou à equipe dele: **“O que o povo pensa de mim?”** E, em seguida: **“O que vocês pensam de mim?”**

Se nunca fazemos tal pergunta é porque não queremos ouvir. Mas Educação Popular é isso: ousar ouvir dos educandos, e da equipe o que pensam do educador, o que as pessoas acham do seu desempenho. Todo mundo sempre acha que está abafando, que está indo bem, ótimo e vai empurrando com a barriga. É aí que as coisas desandam.

As tensões vividas depois no CEPIS, podem ter nascido do descuido desse processo. Houve momentos em que foi difícil sair e ficar um dia inteiro fora, nos anos 80. Principalmente na fase final da ditadura, no período da redemocratização do País. Havia trabalho dia e noite, o CEPIS virou uma oficina de atendimento. No início era só São Paulo, depois passou a ser o Brasil. Talvez, isso tenha levado ao relaxamento no aspecto da crítica e da auto crítica.

Em suma, o CEPIS tem sido uma escola de educadores e educandos. Ali muito aprendi. Não vejo como o movimento social brasileiro possa crescer sem equipes como a do CEPIS.

---

**Frei Betto** é assessor da Pastoral Operária do ABC e da Central dos Movimentos Populares, consultor do MST e escritor. Autor, em parceria com Paulo Freire e Ricardo Kotscho, de “Essa escola chamada vida”(Ática), entre outros livros.

